



ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO: ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA O ALUNO SURDO COMO SEGUNDA LÍNGUA - L2.

Maria Zilda Medeiros da Silva(1); Macilda Pedro da Silva Oliveira (1); Afonso Barbosa de Lima Junior (2); Rosilene Felix Mamedes (3); Selma Andrade de Paula Bedaque. (4)

Universidade Federal Rural do Semi-árido, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação Especialização Em Atendimento Educacional Especializado ,atendimento.nead@ufersa.edu.br

A presente pesquisa tem como objetivo desenvolver e analisar metodologias que contribuam para o ensino da Língua Portuguesa para o surdo – L2 como segunda língua, com apoio da literatura visual, e com a utilização de texto e imagens para produção e desenvolvimento para a escrita do português como L2. A pesquisa foi realizada na sala de recursos multifuncional para o Atendimento Educacional Especializado – AEE com alunos surdos de faixa etária diversificada, para que, dessa maneira, fosse analisada a problemática de alunos surdos que não apresentam conhecimento da LIBRAS na sua vida familiar como forma de comunicação. Para tanto, foram realizadas algumas atividades que envolvem a LIBRAS ao qual é sua língua fonte para podermos desenvolver atividades com a L2. A pesquisa foi realizada com base nas ideias de autores como Pinker, Quadros e Karnopp, Guarinello, Goldfeld. Realizada com base de um relato de experiências de forma descritiva, qualitativa, bibliográfica. No qual foi observado o conhecimento do surdo sobre a LIBRAS como L1 como primeira língua e, através desse resultado, foram desenvolvidas estratégias de ensino com apoio de imagens e texto, com metodologia para o ensino da L2 focando o conhecimento da LIBRAS com base no bilinguismo. As experiências vivenciadas possibilitaram oportunidade de reconhecer a importância da LIBRAS como L1 na vida contínua da criança e assim ter melhores resultados do ensino da L2 como sua segunda língua. Foi possível constatar que o ensino da L2 considerando a LIBRAS viabiliza o aprendizado e deixa mais prazerosa e com melhor compreensão.

Palavras-Chave: LIBRAS; PORTUGUÊS COMO L2; BILINGUISMO.



ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO: ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA O ALUNO SURDO COMO SEGUNDA LÍNGUA - L2.

Maria Zilda Medeiros da Silva(1); Macilda Pedro da Silva Oliveira (1); Afonso Barbosa de Lima Junior (2); Rosilene Felix Mamedes (3); Selma Andrade de Paula Bedaque. (4)

Universidade Federal Rural do Semi-árido, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação Especialização Em Atendimento Educacional Especializado ,atendimento.nead@ufersa.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata da importância da Língua Brasileira de Sinais e sua relação com a Língua Portuguesa para o surdo que, através dos movimentos sociais organizados e da própria comunidade surda, conseguiram o reconhecimento como língua, pela Lei 10.436, de 2002 que foi regulamentada pelo Decreto nº 5.626, de 2005 .

Como a LIBRAS é a primeira língua do surdo, a escola para ser bilíngue deve oferecer as duas línguas: a L1- Língua de sinais e a L2 que é a Língua Portuguesa no Brasil. Considerando a relevância deste aprendizado, este trabalho tem como objetivo o estudo de metodologias que melhor se adéquem ao ensino da L2 oportunizando melhores resultados à produção escrita do português para o aluno surdo.

Foram realizadas na sala de recursos multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado – AEE – do município de Pedro Régis/PB, estratégias metodológicas com alunos surdos de faixa etária diversificada em séries diferentes, observando como estava o conhecimento da primeira língua.

O foco desta pesquisa é o desenvolvimento do processo de alfabetização para o ensino da L2 para o surdo, e diante do conhecimento na L1 foram desenvolvidas metodologias que se adequassem à sua progressão. A principal problemática encontrada é a falta de conhecimento da LIBRAS na sua vida familiar, e a L2 fica sendo desenvolvida em apenas codificações.

2. DESENVOLVIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1 Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS como primeira língua do surdo.

Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS – é a língua majoritária das pessoas surdas do Brasil, ao qual foi reconhecida pela lei de nº. 10.436, de 2002 e regulamentada pelo decreto nº 5.626 de 2005. A LIBRAS como primeira língua - L1 deve ser inserida em diferentes níveis educativos de forma inclusiva na comunicação com os surdos.



Ampliam-se estudos para melhor compreensão desta língua nos sistemas de ensino, bem como estudos sobre a metodologia para o trabalho com a língua de sinais para melhores resultados. A LIBRAS foi uma conquista de muitos anos de estudos e lutas para garantir ao surdo sua língua como natural na sua comunicação. De acordo com o Art. 1º da Lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002,

É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados. Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil [...] Parágrafo único. A Língua Brasileira de Sinais - Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa.

Diante dessa conquista, a comunidade surda se torna confiante para buscar e garantir seus direitos culturais e sociais com a defesa pela Língua de sinais. Segundo (PINKER, 2002, p.21) “[...] a linguagem não é apenas uma invenção cultural qualquer, mas o produto de um instinto humano específico”. Assim reconhecemos que a LIBRAS é uma língua de instrução por excelência, no qual possibilita a comunicação e expressão do ser surdo, podendo estar presente na tradução de todas as disciplinas (num contexto escolar) e, assim, permitir uma relação entre o surdo e o ouvinte. A LIBRAS é compreendida língua natural L1 para os surdos, e precisa ser desenvolvida desde a infância, inserindo o surdo na cultura surda. Segundo (QUADROS & KARNOPP, 2004, p.30). “As línguas de sinais são consideradas línguas naturais e, conseqüentemente, compartilham uma série de característica que lhes atribui caráter específico e a distingue dos demais sistemas de comunicação [...]”

A LIBRAS tem seu próprio alfabeto manual que contém 27 formatos que estão inclusos nas configurações de mãos – “CM”, com esse alfabeto é feita a datilologia de palavras quando não há sinais; no caso, nomes de cidades, pessoas, países que o surdo não conheça o sinal. Os estudos baseados em Brito Ferreira, 1995 mostram que o sinal de LIBRAS são realizados através dos parâmetros fonológicos que são *locação, movimentos e configuração de mão*. Veja abaixo:



Fonte: Ferreira Brito, 1995, p.24

Continuando com as ideias de Ferreira-Brito (1995), existem 46 configurações de mão diferentes para a LIBRAS, e elas podem ser diferenciadas quanto às posições, número de dedos estendidos, o contato e a contração (mãos fechadas ou compactas) dos dedos. Esses sinais podem ser *Icônicos* ou *Arbitrários*:

2.2 Bilinguismo para o aluno surdo: a escrita do português como segunda língua.

No Bilinguismo, o aluno surdo aprende as duas línguas. A Libras como sua primeira língua L1 e a L2 como sua segunda língua. A LIBRAS como L1, como foi visto no capítulo anterior, é representada de forma viso-espacial com sinais icônicos e arbitrários, e a escrita do português para surdo como L2. A língua portuguesa não é substituída pela LIBRAS como foi citado pela LEI 10.436 no “Parágrafo único. A Língua Brasileira de Sinais - Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa”. Nestas considerações fica evidenciado a necessidade do surdo ter uma educação bilíngue para participação na vida social como cidadão. Como diz Goldfeld (2002, pag. 42), “O Bilinguismo tem como pressuposto básico que o surdo deve ser bilíngue, ou seja, deve adquirir como língua materna a língua de sinais, que é considerada a língua natural dos surdos como segunda língua, a língua oficial do seu país”.

Diante deste diálogo com os autores, observa-se a importância do surdo junto aos seus familiares buscarem a valorização por sua língua no meio social, ser fluente na sua primeira língua e ter o conhecimento na língua oficial do seu país. Assim, o surdo será respeitado como cidadão. Quadros contribui dizendo que:

Quando me refiro ao bilinguismo, não estou estabelecendo uma dicotomia, mas sim reconhecendo as línguas envolvidas no cotidiano dos surdos, ou seja, a Língua Brasileira de Sinais e o Português no contexto mais comum do Brasil. (2000, p.54)

A autora evidencia que o surdo vai aprender o português de forma mais simples e apresentará ausência na escrita de conjunções, preposições, artigos e suas concordâncias. Para melhores resultados com a língua portuguesa para o surdo, afirma Goldfeld,

A criança surda necessita de um atendimento específico para poder aprender esta língua. Este aprendizado, ao contrário da língua de sinais, é muito lento, haja vista as dificuldades de um surdo em aprender uma língua oral [...] nunca será perfeitamente dominada por ele e esta será sempre uma língua estranha. (2002, p.44)

Na educação pública do Brasil, principalmente nas pequenas cidades, encontramos muitos casos de exclusão do aluno surdo, e quando falamos em bilinguismo, identificamos a dificuldade da presença do princípio bilíngue, pois o aluno surdo é inserido nas escolas regulares sem saber a sua língua materna, a LIBRAS e os pais não procuram atendimento especializado. A equipe da gestão escolar não providencia instrutores nem intérprete de LIBRAS. Diante disso, no aprendizado da língua portuguesa, a dificuldade se torna expressiva. Goldfeld (2002, p. 44) contribui com suas palavras que,

Em relação à educação pública, é muito raro encontramos escolas que utilizam a língua de sinais em sala de aula. O que ocorrem em muitos casos é que os alunos conversam em línguas de sinais, mas as aulas são ministradas em português, por professores ouvintes que não dominam a Libras, o que praticamente impossibilita a compreensão por parte dos alunos. Mas a pior realidade é que grande parte dos surdos brasileiros e seus familiares não conhecem a língua de sinais.

A criança surda a partir da sua ida para escola bilíngue terá o contato com o português como L2 e utilizará a L1 na sua comunicação. Para se realizar esse trabalho em uma escola de ensino regular com ouvintes e surdos precisa-se de profissionais como intérprete de Libras¹.

O trabalho deve ser realizado tanto na sala regular de ensino com intérprete, como na sala de AEE com professor/instrutor de LIBRAS. Esse instrutor pode realizar diversos trabalhos no campo educacional que envolva a LIBRAS, podendo realizar aulas de LIBRAS na sala de aula para ouvintes, como também fazer cursos para os familiares e comunidade.

2.3 Estratégias de ensino bilíngue, língua portuguesa L2 para aluno surdo no AEE.

Este subcapítulo trata do desenvolvimento de estratégias de ensino da língua portuguesa para o aluno surdo. Buscamos em livros, apostilas e artigos que apresentam ideias de como desenvolver a escrita do aluno surdo para língua portuguesa como segunda língua. Sabe-se que o surdo precisa aprender esta língua para participar da vida social no mundo acadêmico, tanto como aluno quanto como futuros professores de LIBRAS ou em outra profissão, fazendo uso da língua portuguesa em sua função social.

¹ O intérprete de Libras é aquele que transforma uma informação em português para Libras e vice-versa, e atua como professor instrutor de LIBRAS onde possa ensinar a LIBRAS como o português na segunda língua.



O surdo não pode ficar apenas com pequenas leituras, precisando entender melhor o contexto da escrita. Reconhecemos a importância do bilinguismo para o surdo, pois, saber a língua de sinais e ter o conhecimento do português para sua escrita são fundamentais no seu aprendizado. Segundo a coleção Educação Especial na Abordagem Bilingue (2010,p.7), “a abordagem educacional por meio do bilinguismo visa capacitar a pessoa com surdez para a utilização de suas línguas no cotidiano escolar e na vida social, quaisquer que sejam a língua de sinais e a comunidade ouvinte”.

O bilinguismo é fundamental para o surdo se sentir incluso no meio social, permitindo a convivência entre os ouvintes. Ele precisa aprender a escrever a língua portuguesa como segunda língua que não pode ser substituída pela LIBRAS.

Diante dessa argumentação da necessidade do aprendizado da língua portuguesa, para aprender a segunda língua de forma clara, deve-se utilizar várias estratégias de ensino da segunda língua para o aluno surdo.

Sabemos que esse ensino de L2 para o aluno surdo é desafiador, porque é necessário um trabalho educacional sistemático e contínuo. É preciso desenvolver o querer e o desejo dessa pessoa em aceitar esse aprendizado de forma contínua. Diante desse aprendizado, poderemos desenvolver o conhecimento de forma simultânea para as duas línguas? O surdo precisa ter o domínio na língua de sinais que é a sua língua majoritária, e diante deste desenvolvimento da L1 pode ter o conhecimento compreensivo na língua portuguesa de modo escrito. Guarinello (2007, p. 46-47) confirma essas ideias em duas formas de bilinguismo.

O bilinguismo simultâneo envolve o ensino da segunda língua concomitante ao da primeira, em momentos distintos [...] No bilinguismo simultâneo, a criança surda é exposta às duas línguas com diferentes interlocutores: a de sinais com interlocutores surdos e a majoritária com ouvintes [...] A segunda forma de bilinguismo é caracterizada pelo ensino da língua majoritária somente após a aquisição da língua a criança surda só deve aprender uma segunda língua quando já tiver o domínio da primeira.

No Brasil, essa proposta de bilinguismo está sendo desenvolvida em escolas regulares de ensino, alunos surdos e ouvintes juntos na sala de aula regular com direito a intérprete para transmissão da língua oral para LIBRAS ou LIBRAS para oral. Desde 2008, estão sendo disponibilizadas Salas de Recursos Multifuncionais que ofertam o Atendimento Educacional Especializado - AEE - com o objetivo de contribuir no aprendizado da L1 e L2.

2.6 Experiências metodológicas do ensino da língua portuguesa como segunda língua L2 na Sala do AEE com alunos surdos.



2.6.1 Descrição da escola

A referente Escola Municipal, localizada na cidade de Pedro Régis, apresenta boas condições físicas. Possui oito salas de aulas, uma cantina, dois banheiros adaptados para cadeirantes, e seis banheiros: três femininos e três masculinos, uma sala de professores com banheiro, uma secretaria, um auditório, uma sala para o AEE. Funciona pelo turno matutino com as turmas do 1º ao 5º ano, vespertino do 6º ao 9º ano, e o noturno a turma da EJA, do primeiro ciclo 1º ao 5º e, do segundo ciclo do 6º ao 9º ano. Em cada turno há um diretor adjunto. A sala para o AEE foi o ponto de referência para a pesquisa, foi fundada em 2012 como Sala de recursos multifuncionais. Seu funcionamento é nos turnos matutino e vespertino com atendimentos individuais ou em grupo. Nesta sala existem recursos educativos, que são utilizados para o aprendizado do aluno surdo, conforme quadro abaixo:

Materiais Educativos

Livros de LIBRAS	Computador	Impressora	Dicionário em LIBRAS
Dominó em LIBRAS	Jogo da Memória	Alfabeto LIBRAS	Jogos diversos

2.6.2 Caracterização dos sujeitos participantes

A sala do AEE tem seu funcionamento no contraturno com os alunos que tem diferentes deficiências, possuindo um quantitativo atual de 13 alunos:

Quantidade	Deficiência	Série
4	Surdos	3º, 6º, 7º e 9º
7	Intelectual	1º, 2º, 3º, 4º, 5º e 6º
1	Baixa visão	5º
1	Cego	3º Ano Médio

Nesta sala de recursos multifuncionais são atendidos alunos de três escolas do município, incluindo um aluno da rede estadual de ensino. Há duas profissionais que trabalham nesta sala em horários diferentes. Um psicopedagogo que atende os alunos com dificuldades de aprendizagem, uma professora especialista em educação inclusiva faz o trabalho junto aos alunos com deficiência e com o ensino da LIBRAS e da Língua Portuguesa como L2. Há também, a intérprete que participa de todos os trabalhos, tanto na sala regular, como na sala do AEE e todos os profissionais que



atuam nesta área na escola possuem qualificação de pós-graduação e uma com mestrado em educação.

2.6.3 Relato de experiência com aluno surdo, utilizando estratégia para o ensino da L2, na sala do Atendimento Educacional Especializado - AEE.

Para realizar o trabalho de experiência para o processo de alfabetização da L2 com os alunos surdos da Escola Municipal, foi considerado o conhecimento da LIBRAS já adquirido e, diante desse conhecimento buscou o ensino da escrita com observações na ortografia das palavras. Esse trabalho de conhecimento da LIBRAS acontece no decorrer de dois anos com esses alunos surdos que não sabiam LIBRAS, mas apenas sinais não padronizados e seus pais não levam para acompanhamento especial para o ensino da LIBRAS.

Na Paraíba temos o apoio da *Fundação Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência - FUNAD*, apenas um desses alunos tem acompanhamento uma vez por semana. Nestas condições, trabalhamos a LIBRAS com esses alunos, utilizando as imagens dos animais e materiais escolares. Também utilizamos o aplicativo para celulares “Whatsapp”, com um dos alunos. Passamos a trabalhar sinais de cumprimentos e saudações, utilizando mensagens para os amigos e professores. As atividades foram desenvolvidas em momentos diferentes.

1º Etapa: Observar o conhecimento dos sinais em LIBRAS que cada criança dominava. Seus nomes serão fictícios em letras do alfabeto que será apresentado em na tabela abaixo. Na vida familiar esses alunos não foram estimulados para o desenvolvimento da L1, no entanto, é necessário mostrar a necessidade de aprender a LIBRAS na escola, com apoio dos familiares ao qual nos autorizou para desenvolver o trabalho.

TABELA - A

NOME DO ALUNO	SÉRIE	IDADE
A	3º ANO	8 ANOS
B	6º ANO	16 ANOS
C	7º ANO	14 ANOS
D	9º ANO	21 ANOS

2º Etapa: Confeccionamos placas com imagens de animais para desenvolvermos a pesquisa, onde cada aluno mostrou seu conhecimento sobre os animais e apresentou os sinais. Em diálogo, mostramos os nomes da cada animal em datilografia e, escrevemos em seus cadernos os nomes junto à imagem colada. Na sequência, foram realizadas brincadeiras com caça-palavras, unindo as palavras a cada imagem; cada aluno procurava as letras do alfabeto e depois os nomes de cada imagem.



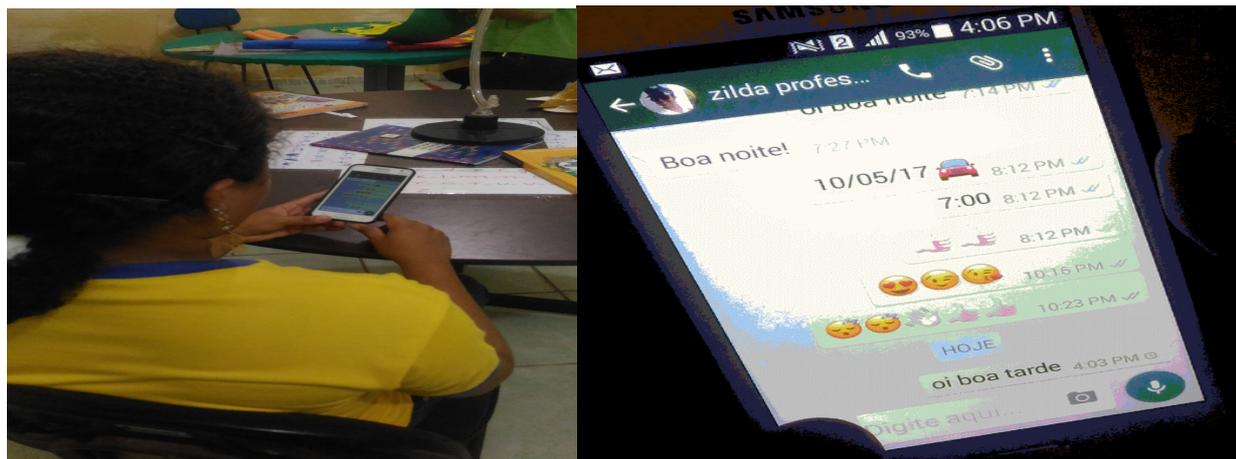
Fonte: própria autora -2017

3ª Etapa: Utilizando materiais escolares comuns, apresentamos os objetos aos alunos e perguntávamos seus sinais, no momento em que um aluno errava, era apresentado o material correto, e logo após os nomes de cada material em datilografia. A prática da ortografia ocorreu logo após a apresentação de cada sinal do material, onde cada aluno recortava os nomes e colocava ao lado do material.



Fonte: própria autora -2017

4ª Etapa: experiência ocorrida com a aluna D, que utilizou aplicativo para celulares *Whatsapp*. Aproveitando a compra de um celular, por parte da aluna, começou a mandar mensagens com sua escrita incorreta - *Bdia* (Bom Dia), *Trd bao* (Boa Tarde), *A bo nite* (Boa Noite). Com essa tecnologia que envolvia a escrita, pedi autorização à direção para utilizar o celular na escola na hora desse trabalho, começamos a apresentar cada momento do dia com imagem, manhã, tarde e noite, iniciamos o processo de ensino da L2 com o ensino de saudações. A troca de mensagens todos os dias pelo *Whatsapp* em situação contexto com os diferentes professores das matérias ajudaram nesse aprendizado. Esta aluna, em pouco tempo aprendeu a escrever as saudações de forma correta.



Fonte: Própria autora - 2017

2.6 Resultados/Discussão

Nesta pesquisa foi utilizado um estudo de caso com um grupo de alunos surdos por meio de atividades para o desenvolvimento da L2.

Os alunos surdos foram escolhidos para fazer parte de uma pesquisa acadêmica para conclusão do curso de especialização em AEE. As etapas apresentadas ocorreram na sala de recursos multifuncionais, desenvolvendo estratégias de ensino para o processo de alfabetização buscando o conhecimento da língua portuguesa.

Considera-se que o desenvolvimento das atividades em todas as etapas foram produtivas, pois houve envolvimento nos diálogos, principalmente pelo uso da LIBRAS, como também na dinâmica para procurar os nomes dos animais como dos materiais escolares.

Destacamos o rápido desenvolvimento da aluna D, por aprender os nomes dos animais e pelo trabalho contínuo desenvolvido com contínua dedicação da família. Neste caso os demais alunos aceitam o ensino, mas sem o apoio familiar os resultados ocorrem de forma mais lenta.

Os alunos A, B e C conheciam os animais, mas não sabiam escrever os nomes de cada animal em português. Foi realizada uma apresentação dos sinais e a datilografia e, logo após, desenvolvemos a dinâmica para procurar os nomes. Os 4 (quatro) surdos se envolveram e a interação e o diálogo foram constantes.

A segunda estratégia foi apresentação dos materiais escolares. Os alunos sabiam o material que a professora perguntava em LIBRAS, mas na hora de procurar as palavras não souberam associar seus nomes. A aluna D falou que esqueceu como se escrevia, mas sabia os sinais de cada objeto. Observando que, por mais que aprenda, sem o desenvolvimento contínuo, ele não fixa a aprendizagem da forma escrita dos nomes. O teste com as saudações com a aluna D apresentou



respostas positivas, soube escrever sem dificuldades, pois as palavras foram de seu interesse e fazem parte de sua rotina diária, por meio do constante contato com os amigos e professores pelo whatsapp.

Esse desenvolvimento de trabalho com os surdos para o processo de alfabetização nos mostrou que, para a praticar da escrita do português, faz-se necessário o uso de metodologias prazerosas onde o aluno possa desenvolver o português com apoio da LIBRAS.

3. CONCLUSÕES

A pesquisa nos indicou que os surdos desta pesquisa encontram-se no processo de aquisição da LIBRAS como L1, ocorrendo em tempo mais tardio em seu desenvolvimento, pela ausência de oportunidade de aprender junto a seus pares surdos, ocasionando atrasos no desenvolvimento da L2 e na escolaridade.

Na atualidade, para esses alunos surdos serem inclusos na vida escolar, é preciso desenvolver um trabalho que desenvolva a aquisição das duas línguas, pois os surdos estão no processo de alfabetização da língua portuguesa.

Diante disto, vimos a importância da LIBRAS como L1 para podermos trabalhar o português como L2, bem como a importância do recurso visual para auxiliar a aquisição do conhecimento da LIBRAS para os alunos surdos e no desenvolvimento do processo de alfabetização do português.

Os resultados validam a importância de investir no aprendizado da Língua Portuguesa para o surdo, utilizando recursos que possuem função significativa e comunicativa para o surdo. E, a necessidade do diálogo como parte relevante no processo de aprendizado da Língua Portuguesa para o surdo, como aconteceu nas etapas realizadas.

REFERÊNCIAS

BRASIL, **Decreto 5.626 – 23 dez 2005**. Regulamenta LEI nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídico, 3p, 2005

BRASIL, **LEI Nº 10.436, de 24 de abril** de 2002, O PRESIDENTE DA REPÚBLICA.

BRITO, Lucinda Ferreira, **Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS**” Apostila 1995.

GESSER, Audrei. **Metodologia de Ensino em LIBRAS como L2**. UFSC: Florianópolis, 2010.



GOLDFELD, Marcia. **A criança surda surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. 7ª edição. São Paulo: Plexus Editora, 2002.

GUARINELLO, Ana Cristina, **O papel do outro na escrita de sujeito surdos**. 2ª Edição. São Paulo: Plexus, 2007.

PINKER, Steven. **O instinto da linguagem: como a mente cria a linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, tradução Claudia Berliner, 2002

QUADROS, R.M. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, pag. 40, 1997.

QUADROS, Ronice Muller de, KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira – Estudos lingüísticos**. Porto Alegre. Editora Artmed. 2004.

SALLES, Heloisa Maria Moreira Lima, et. al. **Ensino de Língua Portuguesa para Surdos: caminhos para a prática pedagógica**. Vol. 1. Brasília, 2004. Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos.

SALLES, Heloisa Maria Moreira Lima, et. al. **Ensino de Língua Portuguesa para Surdos: caminhos para a prática pedagógica**. Vol. 2. Brasília, 2004. Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos.

SANTOS, Katia Regina de Oliveira Rios Pereira, **Surdez e Bilinguismo** / Eulalia Fernandes (organizadora), editora mediação, 7ª Edição. Porto Alegre: 2015. Pag. 62.

SOARES, Maria Aparecida Leite. **A educação do surdo na Brasil**. 2ª edição. Campinas, SP: Autores associados, 2005.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 2ª edição. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009.